



REVISTA DE ESTUDOS EM ARTES CÊNICAS
E-ISSN 2358.6958

Somos todas Palhaços?

Daiani Cezimbra Severo Rossini Brum

Para citar este artigo:

BRUM, Daiani Cezimbra Severo Rossini. Somos todas Palhaços?. **Urdimento** – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 1, n. 46, abr. 2023.

 DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/1414573101462023e0107>

Este artigo passou pelo Plagiarism Detection Software | iThenticate



A Urdimento esta licenciada com: [Licença de Atribuição Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) – (CC BY 4.0)



Somos todas Palhaços?^{1 2}

Daiani Cezimbra Severo Rossini Brum³

Resumo

No contexto da atuação palhacesca, que historicamente caminha lado a lado aos costumes e às ações de cada sociedade, propomos, no presente artigo, a seguinte questão: somos todas palhaços? No intuito de investigá-la, aliamonos às análises da autora Marilena Chauí (2021) sobre a sociedade brasileira, bem como às nossas experiências, seja com redes de mulheres palhaças, seja com pesquisas, atuações artísticas e processos formativos no contexto da atuação palhacesca. Diante da impossibilidade de identificação com uma resposta afirmativa para a questão apontada acima, analisamos o registro de pesquisas bibliográficas especificamente relacionadas, no campo científico, à atuação de mulheres como palhaças, demonstrando que as mesmas são responsáveis pela edificação de importante, expressivo e crescente conhecimento contemporâneo na área.

Palavras-chave: Palhaças. Pesquisa. Atuação palhacesca.

¹ Revisão ortográfica, gramatical e contextual do artigo realizada por Isabel Scremin da Silva, mestra em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP, 2023) e bacharela em Letras Português pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, 2019).

² Este artigo é uma ponte entre minha pesquisa de Doutorado em Teatro, finalizada em 2021 e realizada na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), sob orientação da Profa. Dra. Maria Brígida de Miranda e sob financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC), e minha pesquisa de Pós-Doutoramento, iniciada em janeiro de 2023 na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), sob supervisão da Profa. Dra. Ana Elvira Wuo e financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), com Bolsa de Pós-Doutorado Júnior (PDJ). Este artigo, portanto, é resultado parcial de minha pesquisa de Pós-Doutoramento e nele se aprofundam os resultados esboçados no artigo “A palhaçaria de mulheres no Brasil contemporâneo: breve registro de ações artísticas, formativas e de pesquisa” (Brum, 2022).

³ Pós-doutoranda pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU); doutora em Teatro pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC, 2021); mestra em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN, 2017) e graduada em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, 2012).

 daianisevero@gmail.com.

 <http://lattes.cnpq.br/6728284014151656>  <https://orcid.org/0000-0002-8914-6123>.



Are we all clown?

Abstract

In the context of clowning acting, which historically is related to the customs and actions of each society, we propose, in this article, the following question: are we all clowns? In order to investigate this issue, we combine the analysis of Marilena Chauí (2021) about Brazilian society to our experiences with networks of women clowns, with researches, artistic performances and formative processes related to the context of clowning acting. Faced with the impossibility of identifying an affirmative answer to the question raised at the beginning of this paper, we observe that the bibliographical research recorded here is carried out by a specific scientific field of women as clowns. Besides, we demonstrate that these women are responsible for building an important, expressive and growing area of contemporary knowledge about clowning.

Keywords: Clowns. Research. Clown performance.

¿Somos todos payasos?

Resumen

En el contexto de la actuación clown, que históricamente va de la mano con las costumbres y acciones de cada sociedad, proponemos en este artículo la siguiente pregunta: ¿somos todos payasos? Para investigarlo, combinamos los análisis de la autora Marilena Chauí (2021) sobre la sociedad brasileña, así como nuestras experiencias, ya sea con redes de mujeres payasos, ya sea con investigaciones, actuaciones artísticas y procesos de formación en el contexto de la actuación. payaso. Ante la imposibilidad de identificarse con una respuesta afirmativa a la pregunta antes mencionada, analizamos el registro de investigaciones bibliográficas específicamente relacionadas, en el ámbito científico, con la actuación de las mujeres como payasas, demostrando que ellas son las encargadas de construir importantes, expresivas y creciente conocimiento contemporáneo en el área.

Palabras clave: Payasas. Investigación. Performance de payasas.



Introdução

Quando mulheres, homossexuais e lésbicas, de todas as bordas clamam pelo reconhecimento da diferença sexual sem o estigma de vê-la convertida em papel social discriminador, lutam por algo que sempre lhes foi negado: o direito de fruir o próprio corpo sem transformá-lo em instrumento para um suposto rendimento produtivo ou máquina de engrenagem social (Chauí, 2021, p. 101).

O trecho acima foi escrito em 1983 pela filósofa brasileira Marilena Chauí. Não obstante essas considerações terem sido destacadas pela autora há quarenta anos, elas permanecem pungentes na sociedade brasileira atual. Quanto à vida das mulheres, no país, há que se destacar o cenário implacável que enfrentam com relação à violência doméstica⁴, a elevados índices de feminicídios⁵, estupros⁶, à desigualdade salarial (IBGE, 2021), dentre outras formas violentas de coerção, no decurso do século XXI, em decorrência de questões de gênero (IBGE, 2021).

Quanto à população homoafetiva, é possível afirmar que o Brasil fornece, no contexto contemporâneo, a moradia com maior periculosidade na América Latina (Bond, 2018), sendo um dos países mais letais no mundo para esses grupos, uma vez que o índice de assassinatos motivados por homofobia/lesbofobia/transfobia, além de numeroso, é crescente no Brasil (Lammerhirt, 2018), assim como são crescentes as agressões e os crimes motivados pelo ódio às nossas existências (Brum, 2021).

Conforme nos lembra Chauí, em texto escrito entre 2013 e 2015:

[...] deixamos na sombra o fato de que vivemos em uma sociedade oligárquica, verticalizada, hierarquizada, autoritária e por isso mesmo

⁴ FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil*. 2017. Disponível em: <<http://www.forumseguranca.org.br/atividades/visivel-e-invisivel-a-vitimizacao-de-mulheres-no-brasil/>>. Acesso em: 31 jul. 2018.

⁵ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Estatísticas de Gênero: Indicadores sociais das mulheres no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero/20163-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html>>. Acesso em: 20 mar. 2023.

⁶ FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *11º Anuário Brasileiro de Segurança Pública do Fórum Brasileiro de Segurança Pública*. 2017. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2017/12/ANUARIO_11_2017.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2018.



violenta, que bloqueia a concretização [...] de uma subjetividade e de uma intersubjetividade verdadeiramente éticas e da cidadania verdadeiramente democrática (Chauí, 2021, p. 48).

Para a autora, a violência está de tal modo atrelada à existência da população brasileira que as desigualdades passam por um processo de naturalização e de invisibilização, sejam elas relacionadas ao gênero, à raça, à etnia, à classe ou a outros marcadores sociais. Amparada pelo racismo estrutural, a desigualdade, no Brasil, escandaliza e revolta a sociedade em proporções infinitamente menores do que clamam as realidades da fome, da morte e do medo, cada vez mais individualizadas e menos vistas como calamidades coletivas. Vivemos em um período de medo. Medo da bandidagem armada, medo da polícia armada, medo do/a “cidadão/ã de bem” armado/a até os dentes, correndo pelas ruas com suas pistolas em riste.

Como uma mulher não binária, lésbica, pertencente à classe trabalhadora e de origem periférica, não posso me furtar à reflexão sobre como as experiências concretizadas naquilo que Marilena Chauí nomeou de “bordas” delinearão minha trajetória não só como palhaça e pesquisadora em Artes Cênicas, mas também como pessoa muitas vezes subordinada, no dia a dia, a marcadores sociais de classe, gênero e sexualidade. Olhares e ações hostis, por vezes furtivos, outras vezes evidentes, explicitam o ressentimento imediato contra minha existência, considerada, com frequência, divergente de uma norma socialmente instituída. Minha família, composta por um casal de mulheres e por duas crianças, parece ofender considerável parcela da população, colocando-nos constantemente em estado de alerta. Das “bordas”, faço parte do retrato de um país dividido e polarizado, cujos resultados (ainda não mensurados pela História) são devastadores para a democracia no Brasil e para nosso próprio direito de coexistir na divergência.

O chavão “somos todos humanos” se tornou comum entre diversos grupos e movimentos de extrema direita no Brasil contemporâneo, sendo usado especialmente como contradiscurso a práticas feministas e antirracistas. Com a falaciosa justificativa de “sermos todos humanos”, argumenta-se que não precisamos nos aprofundar em discussões sobre grupos específicos. Além de



configurar-se como uma afirmação retrógrada e prejudicial para a sociedade, tornando-se um entrave no tocante a transformações necessárias em direção a reparações históricas e à diminuição das desigualdades no país, essa falácia esvazia significados frente ao medo de cada mulher, especialmente de cada mulher negra⁷ e de cada pessoa LGBTQIA+⁸, em converter-se como parte das estatísticas atroztes que assolam o Brasil.

Diante disso, no contexto da atuação palhacesca, que historicamente caminha lado a lado aos costumes e às ações de cada sociedade (Castro, 2005), propomos, no presente artigo, a seguinte questão: somos todas palhaços? No intuito de investigar essa questão, aliamos-nos às análises da autora Marilena Chauí (2021) sobre a sociedade brasileira, bem como à nossa experiência, seja com redes de mulheres palhaças, seja com pesquisas, atuações artísticas e processos formativos no contexto da atuação palhacesca. Realizamos, também, uma pesquisa em repositórios brasileiros de teses e dissertações concluídas no país. Diante da impossibilidade de identificação com uma resposta afirmativa para a questão apontada acima, elaboramos um registro de pesquisas bibliográficas relacionadas especificamente, no campo científico, à atuação de mulheres como palhaças, demonstrando que as mesmas são responsáveis pela edificação de importante, expressivo e crescente conhecimento contemporâneo na área.

Somos palhaças, palhaces, palhaços!

Particularmente, identifico-me com a denominação “palhaça”, no que tange à busca que desenvolvo, ao longo de quase quinze anos, pela construção de uma figura cômica. Por vezes, pesquiso minha existência como “palhace”, borrando fronteiras entre os gêneros feminino e masculino. Esta opção nem sempre é premeditada, de modo a expressar uma questão pessoal por meio do canal da existência palhaça. Como “palhaço” nunca pude me identificar, em decorrência de

⁷ O *Dossiê Violência Contra as Mulheres*, de 2015, revela que, entre os anos de 2003 e de 2013, cresceu em 54% o número de feminicídios de mulheres negras (Instituto Patrícia Galvão, 2015).

⁸ Sayonara Moreno. Brasil é o país que mais mata pessoas trans no mundo. *Brasil de Fato*, 30 jan. 2018. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2018/01/30/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-pessoas-trans-no-mundo>>. Acesso em: 14 out. 2022.



divergências que tive, as quais, desde o início de meus estudos e práticas, aliaram minha busca por uma comicidade a estudos de gênero, tornando-os uma metodologia de permanência na palhaçaria. Assim como muitas autoras/es, palhaças/es e pesquisadoras/es, a identificação com a palavra “palhaço” pode ser associada a questões doloridas para corporeidades advindas das “bordas”, conforme denominou Marilena Chauí aquelas existências que estão à margem do poder. Como diversas áreas da sociedade, “a arte do palhaço” teve como base uma cultura masculinista e branca, de referências massivamente europeias, que acumulou, muitas vezes, conteúdos irrecuperáveis para a busca por uma sociedade menos desigual.

Uma considerável parcela da história do circo no país registra cenas e números clássicos que constantemente objetificam e menosprezam mulheres e pessoas LGBTQIA+ (Borges; Cordeiro, 2022). O mesmo ocorre nos registros da atividade do *clown* circense europeu, a exemplo da “clássica” dramaturgia da cena “A sonâmbula” (Rémy, 2016), em que há incitação ao estupro de uma mulher que dorme, além de sua clara objetificação, quando um dos palhaços afirma que a devolverá no dia seguinte, conforme acontece, na cena, com relógio, carteira e demais objetos pessoais dos palhaços. Há que se observar que a referida publicação ocorreu, no Brasil, em 2016, sem que uma linha (seja por parte da tradução brasileira ou da edição original francesa) tenha sido escrita em razão do prejuízo sofrido pelas mulheres a partir da disponibilização de tal conteúdo.

As autoras e palhaças Karla Cordeiro e Ana Borges refletem sobre a realidade vivenciada pelas palhaças no Brasil:

Até os anos 90 era rara a presença de mulheres no universo da palhaçaria. No ambiente circense sua atuação era limitada a números de acrobacia tais como o trapézio, equilíbrio em cavalos ou o contorcionismo, que reforçavam os traços de beleza, feminilidade, graça, leveza e perfeição conferidas à mulher. A incidência de mulheres em papéis cômicos circenses, quando observada, tem natureza secundária quando parte do enredo ou estas estão travestidas de homens com o gênero do palhaço mantido em sigilo para o público (Cordeiro; Borges, 2017, p. 1).

No Brasil, a palhaçaria feita por mulheres destaca-se a partir da criação de



um dos primeiros e mais conhecidos grupos brasileiros de mulheres palhaças, As Marias da Graça (RJ), que, desde 1991, tem ganhado notória força, difusão e protagonismo no Brasil (Brum, 2021), tornando-se vasto campo de pesquisa em Artes Cênicas. O presente artigo, nesse sentido, registra a existência expressiva tanto de produções bibliográficas sobre a atuação palhacesca de mulheres, quanto de pesquisas acerca do assunto, nas quais se observa um entrelaçamento entre gênero e comicidade. Serão listados os *links* e os endereços onde esses trabalhos podem ser encontrados.

Desse modo, ao propor a visibilização e ao sublinhar a fecundidade desses trabalhos, pretendo sublinhar a diferença estrutural das vivências de mulheres e de pessoas LGTBTTQIA+ no Brasil. Logo, destaco a impossibilidade de agrupamento de nossas existências junto ao termo “palhaço”, uma vez que palhaças e palhaces são responsáveis pela estruturação de uma emergente área de pesquisa em Artes Cênicas, área que, por suas especificidades, deve ser encarada como fenômeno autônomo da arte palhacesca, largamente distante daquilo que fora secularmente denominado como “a arte do palhaço”.

Palhaças: pesquisas bibliográficas e a criação de um contemporâneo campo de estudo e ação

Na maioria dos casos observados nesta pesquisa, as investigações teóricas acerca da atuação palhacesca de mulheres aparecem não só movidas por suas práticas, como também protagonizadas por suas experiências de vida e por criações de dramaturgias cênicas próprias. Observo que muitas mulheres palhaças, quando vinculadas a universidades e quando responsáveis por produção bibliográfica, diante da escassez de material de pesquisa sobre o tema das mulheres palhaças e diante da impossibilidade de identificação com vários dos materiais bibliográficos remetidos aos palhaços, destacam-se por produzirem conteúdo a partir de suas próprias reflexões, em diálogo com outras companheiras de profissão e de prática cênica. Como organizadora do primeiro livro acadêmico sobre mulheres palhaças no Brasil – e, talvez, um dos primeiros no mundo –, entendo que temos nos dedicado, enquanto palhaças e pesquisadoras, à construção de um campo específico e emergente de pesquisa em Artes Cênicas,

o das Mulheres Palhaços. Para exemplificar essa afirmativa, trago, a seguir, dados de um mapeamento que reúne informações sobre o campo de estudos das mulheres palhaços em âmbito acadêmico.

Via *internet*, pesquisei, nas plataformas Google e Sucupira, as palavras-chave: mulheres palhaços; palhaçaria feminina; palhaçaria; palhaçaria e feminismo, além de seus termos equivalentes em inglês, francês e espanhol. Do mesmo modo, visitei as bibliotecas digitais de teses e dissertações dos cursos de pós-graduação com Mestrado e Doutorado em Teatro, Artes e Artes Cênicas, além da Biblioteca Nacional de Teses e Dissertações⁹ e o Banco de Teses e Dissertações da CAPES¹⁰.

No âmbito de Mestrado nas áreas de Artes, Artes Cênicas, Artes da Cena e Teatro, entre outras áreas, encontrei os dados dispostos a seguir:

Tabela 1 – Dissertações referentes à atuação protagonizada por mulheres

Ano	Título da dissertação	Autora	Universidade	Programa
2022	<i>Palhaçaria diversa: a presença de dissidentes (LGBTQIAP+) na Palhaçaria brasileira</i> ¹¹	João Tomaz dos Santos Neto	Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)	Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas
2021	<i>E eu não sou palhaça?! dramavivências de palhaços das regiões Norte e Nordeste do Brasil</i> ¹²	Andressa Passos do Nascimento	Universidade Federal do Maranhão (UFMA)	Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas
2021	<i>Narrativa itinerante de uma professora palhaça</i> ¹³	Bianka Barbosa Penha	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)	Programa de Pós-Graduação em Educação
2019	<i>Tem palhaça na rua-rio? Tem sinsinhô! Vivências de palhaçaria e educação popular no Porto do Sal</i> ¹⁴	Alana Clemente Lima	Universidade Federal do Pará (UFPA)	Programa de Pós-Graduação em Artes

⁹ Disponível em: <<https://bdtd.ibict.br/vufind/>>. Acesso em: 18 mai. 2021.

¹⁰ Disponível em: <<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>>. Acesso em: 18 mai. 2021.

¹¹ Disponível em: <<https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/6110/1/SANTOS%20NETO.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

¹² Disponível em: <<https://tedebc.ufma.br/jspui/bitstream/tede/3985/2/AndressaPassos-.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2023.

¹³ Link não disponibilizado até o momento dessa submissão de artigo.

¹⁴ Disponível em:

2018	<i>Nedda, Colombina, Matusquela e Zerpina: ensaios sobre palhaçaria e ópera</i> ¹⁵	Manuela Castelo Branco Cardoso	Universidade de Brasília (UnB)	Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas
2017	<i>Cristiane Paoli Quito, formadora de palhaços</i> ¹⁶	Danielle Burghi	Universidade do Estado de São Paulo (UNESP)	Programa de Pós-Graduação em Artes
2017	<i>Olha a palhaça no meio da praça: Lily Curcio, Lilian Moraes, questões de gênero, comicidade e muito mais!</i> ¹⁷	Maria Silvia do Nascimento	Universidade Estadual do Estado de São Paulo (UNESP)	Programa de Pós-Graduação em Artes
2017	<i>A atuação de palhaços e palhaços: o hospital como palco de encontros</i> ¹⁸	Daiani Cezimbra Severo Rossini Brum	Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)	Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas
2017	<i>De palhaça e velhos: vozes dramáticas no contexto asilar</i> ¹⁹	Cassandra Batista Peixoto Ormachea	Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)	Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena
2016	<i>Embutidos gastronômicos de Estrelita e Uisquisto: memorial e poética cênica de uma palhaçaria agridoce</i> ²⁰	Priscila Romana Moraes de Melo	Universidade Federal do Pará (UFPA)	Programa de Pós-Graduação em Artes
2016	<i>Presente da palhaçaria: análise de unipersonais brasileiros</i> ²¹	Jennifer Jacomini de Jesus	Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)	Programa de Pós-Graduação em Teatro
2015	<i>Aspectos do processo de abertura à participação feminina na palhaçaria brasileira: especificidades da produção carioca nas décadas 1980 e 1990</i> ²²	Amanda Dias Leite Ferreira da Silva	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	Programa de Pós-Graduação em Artes
2014	<i>Mulheres palhaços: percursos históricos da palhaçaria feminina no Brasil</i> ²³	Sarah Monteath dos Santos	Estadual do Estado de São Paulo (UNESP)	Programa de Pós-Graduação em Artes

<<https://www.ppgartes.propesp.ufpa.br/DISSENTA%C3%87%C3%83O%20ALANA%20DEFESA.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

¹⁵ Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/35818>>. Acesso em: 18 mai. 2021.

¹⁶ Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/152532>> Acesso em: 18 mai. 2021.

¹⁷ Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/151957>>. Acesso em: 18 mai. 2021.

¹⁸ Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/23196/1/AtuacaoPalhacasPalhacos_Brum_2017.pdf>. Acesso em: 18 mai. 2021.

¹⁹ Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/322328>>. Acesso em: 18 mai. 2021.

²⁰ Disponível em: <<http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/8665>>. Acesso em: 18 mai. 2021.

²¹ Disponível em: <<https://pergamumweb.udesc.br/biblioteca/index.php>>. Acesso em: 18 mai. 2021.

²² Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/EBAC-ABFMX2>>. Acesso em: 18 mai. 2021.

²³ Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/108810>>. Acesso em: 18 mai. 2021.

2014	<i>A Palhaça Bailarina: uma investigação para a comicidade física</i> ²⁴	Ana Cristina Vaz	Universidade de Brasília (UnB)	Programa de Pós-Graduação em Artes
2014	<i>Palhaçaria feminina na Amazônia brasileira: uma cartografia de subversões poéticas e cômicas</i> ²⁵	Andréa Bentes Flores	Universidade Federal do Pará (UFPA)	Programa de Pós-Graduação em Artes
2014	<i>A Palhaça Bailarina: uma investigação para a comicidade física</i> ²⁶	Ana Cristina Vaz	Universidade de Brasília (UnB)	Programa de Pós-Graduação em Artes
2014	<i>Palhaçaria feminina na Amazônia brasileira: uma cartografia de subversões poéticas e cômicas</i> ²⁷	Andréa Bentes Flores	Universidade Federal do Pará (UFPA)	Programa de Pós-Graduação em Artes
2014	<i>Comicidade feminina: as possibilidades de construção do cômico no trabalho de mulheres palhaças</i> ²⁸	Elaine Cristina Maia Nascimento	Universidade Federal da Bahia (UFBA)	Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas
2013	<i>A rua é o picadeiro e o céu é a lona: a criação de uma palhaça brincante</i> ²⁹	Raquel Franco Almeida	Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)	Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas
2012	<i>Da graça ao riso: contribuições de uma palhaça sobre a palhaçaria</i> ³⁰	Mariana Rabelo Junqueira	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)	Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas
2012	<i>Levando a sério a palhaçada: um estudo da natureza ambivalente do riso</i> ³¹	Fernanda Moreto Fernandes	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da
2011	<i>Caminhos para uma palhaça: investigação a partir de obra de Avner, "The Eccentric"</i> ³²	Ana Carolina Carvalho Torres Barbosa	Universidade Federal do Estado do Rio De Janeiro (UNIRIO)	Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas

²⁴ Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/17164>>. Acesso em: 18 mai. 2021.

²⁵ Disponível em: <<http://repositorio.ufpa.br:8080/jspui/handle/2011/7575>>. Acesso em: 18 mai. 2021.

²⁶ Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/17164>>. Acesso em: 18 mai. 2021.

²⁷ Disponível em: <<http://repositorio.ufpa.br:8080/jspui/handle/2011/7575>>. Acesso em: 18 mai. 2021.

²⁸ Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/16493>>. Acesso em: 18 mai. 2021.

²⁹ Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/24601?mode=full>>. Acesso em: 18 mai. 2021.

³⁰ Disponível em: <<http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/handle/unirio/11314>>. Acesso em: 18 mai. 2021.

³¹ Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-93DLT4/1/palha_ada_pdf.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2023.

³² Disponível em: <<https://www.circonteudo.com/trabalho-academico/caminhos-para-uma-palhaca-investigacao-a-partir-da-obra-de-avner-the-eccentric-pdf/>>. Acesso em: 18 mai. 2021.

2006	<i>Clown, absurdo e encenação: processos de montagem dos espetáculos “Godo”, “Trattoria” e “Joguete”³³</i>	Joice Aglae Brondani	Universidade Federal da Bahia	Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas
------	---	----------------------	-------------------------------	--

Já no âmbito de Doutorado, nas áreas de Artes, Artes Cênicas, Artes da Cena e Teatro, encontrei as seguintes produções referentes à palhaçaria protagonizada por mulheres, desde 2012 até 2021, tanto no Brasil quanto no exterior:

Tabela 2 – Teses de Doutorado referentes à palhaçaria protagonizada por mulheres

Ano	Título da tese	Autora	Universidade	Programa
2021	<i>Reflexões feministas sobre a palhaçaria com ênfase no contexto hospitalar³⁴</i>	Daiani Cezimbra Severo Rossini Brum	Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)	Programa de Pós-Graduação em Teatro
2020	<i>O sorriso da palhaça: pedagogias do riso e do risível³⁵</i>	Ana Carolina Fuchs	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	Programa de Pós-Graduação em Educação
2020	<i>Palhaçaria humanitária: uma perspectiva decolonial sobre a experiência da ONG Palhaços Sem Fronteiras³⁶</i>	Jennifer Jacomini Jesus de	Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)	Programa de Pós-Graduação em Teatro
2021	<i>Como soltar a franga sem deixar a peteca cair: experimentos da dra. Catavento e o processo de seleção de palhaços nos Especialistas da Alegria³⁷</i>	Patricia Bueno Pluschkat	Universidade Federal do Paraná (UFPR)	Programa de Pós-Graduação em Educação
2020	<i>EU - TERNURINHA: O processo criativo e curativo da atriz-personagem a</i>	Stefanie Polidoro Liz	Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)	Programa de Pós-Graduação em Teatro

³³ Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/27113/1/disserta%C3%A7%C3%A3o%20em%20PDF.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

³⁴ Disponível em: <<http://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/00008f/00008fb3.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

³⁵ Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/218425/001123090.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 18 mai. 2021.

³⁶ Disponível em: <<http://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/000082/000082cc.pdf>>. Acesso em: 22 dez. 2022.

³⁷ Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/69337>>. Acesso em: 18 mai. 2021.

	<i>partir de seus excessos e vivências nas ruas, e o ativismo político e feminista que compõe suas teatropalestras</i> ³⁸			
2020	<i>A alegria de ser quem é: uma formação palhaça de professores para a diversidade</i> ³⁹	Laili Von Czékus Flórez	Universidade Federal da Bahia (UFBA)	Programa de Pós-Graduação em Educação
2021	<i>Dos guetos que habito: negritudes em procedimentos poéticos cênicos</i> ⁴⁰	Adriana Patrícia dos Santos	Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)	Programa de Pós-Graduação em Teatro
2016	<i>Repertório de clown na educação: elementos de uma pedagogia da palhaça na formação de professores</i> ⁴¹	Lucia de Fátima Royes Nunes	Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)	Programa de Pós-Graduação em Educação
2009	<i>A dramaturgia circense: conformação, persistência e transformações</i> ⁴²	Daniele Pimenta	Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)	Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena
2004	<i>Experimentações clownescas: os palhaços e a criação de possibilidades de vida</i> ⁴³	Kátia Maria Kásper	Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)	Programa de Pós-Graduação em Educação
2015	<i>Payasas: historias, cuerpos y formas de representar la comicidad desde una perspectiva de género</i> ⁴⁴	Melissa Lima Caminha	Universidad de Barcelona	Facultad de Belas Artes de Barcelona
2013	<i>Toward a Female Clown Practice: Transgression, Archetype and Myth</i> ⁴⁵	Margaret Irving	University of Plymouth	School of Humanities and Performing Arts Faculty of Arts

³⁸ Disponível em: Disponível em: <http://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/000081/000081e8.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2022.

³⁹ Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/31375>>. Acesso em: 18 mai. 2021.

⁴⁰ Disponível em: <<https://pergamumweb.udesc.br/biblioteca/index.php>>. Acesso em: 18 mai. 2021.

⁴¹ Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/305327>>. Acesso em: 18 mai. 2021.

⁴² Disponível em: <<https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2009.471119>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

⁴³ Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/252779>>. Acesso em: 18 mai. 2021.

⁴⁴ Disponível em: <https://www.academia.edu/43074931/Payasas_Historias_Cuerpos_y_Formas_de_Representar_la_Comicidad_desde_una_Perspectiva_de_G%C3%A9nero>. Acesso em: 18 mai. 2021.

⁴⁵ Disponível em: <<https://pearl.plymouth.ac.uk/handle/10026.1/1583>>. Acesso em: 18 mai. 2021.



Foram identificadas, desse modo, 21 dissertações de mestrado e 12 teses de doutorado sobre a atuação de mulheres como palhaças e/ou protagonizadas por mulheres palhaças e/ou LGBTTQIA+. Indubitavelmente, no contexto das pesquisas acadêmicas, sejam elas de mestrado ou de doutorado, muitos são os trabalhos que minha pesquisa não registrou (Brum, 2021) sobre a atuação de mulheres como palhaças, contemporâneo e emergente campo de pesquisa em Artes Cênicas.

A exemplo disso, o Brasil, segundo os dados que consegui levantar durante minha pesquisa de Doutorado, é o país no mundo que mais concentra festivais e encontros de mulheres palhaças, isto é, mais de 16 encontros periódicos, os quais ocorrem, anual e bienalmente, em todas as regiões, totalizando mais de cem edições desses eventos desde 2005.

Além das teses nacionais, das teses internacionais e das dissertações dispostas acima, encontrei, ainda, uma série de publicações referentes à atuação de mulheres palhaças, como a *Revista Palhaçaria Feminina*, um importante veículo de registro e de difusão da palhaçaria feita por mulheres, que reúne artigos, relatos, imagens, vivências da atuação de mulheres palhaças segundo as suas próprias narrativas. A revista foi criada, organizada, editorada e realizada pela pesquisadora Michelle Silveira, a palhaça Barrica, de Chapecó (SC). Em 2018, foi publicada a sua quarta edição, que contou com a colaboração textual de 52 mulheres palhaças (Brum, 2021, p. 38).

Em 2022, publicou-se a quinta edição, que reuniu cerca de 40 palhaças colaboradoras. A terceira edição havia sido lançada em 2015; a segunda, em 2014; a primeira, em 2012. Michelle Silveira da Silva também organizou, em 2022, o livro *Somos todas Palhaças* (Silva, 2022). A partir desse exemplo, podemos observar como as redes de palhaçaria de mulheres se nutrem da força de ações pioneiras, marcadas pela liderança de palhaças que movimentam a cena palhacesca, e como também são construídas sob um ponto de vista bibliográfico.

Em 2018, foi lançado o dossiê “O humor das mulheres e as mulheres no humor: feminismos, riso e arte”, pela *Revista Ártemis*, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). No dossiê, há um texto sobre a tomada das ruas por parte de diversas vertentes do movimento feminista em 2016, conhecida como a “primavera das mulheres”, e sobre o caráter humorístico utilizado como recurso político de visibilidade, a exemplo da Marcha das Vadias

(manifestação que ocorre, desde 2011, em diversas cidades brasileiras). Há neste dossiê, ainda, três artigos que abordam discussões sobre gênero e sexualidade na investigação e na vivificação da palhaçaria; são eles: “Casada consigo mesma: mulheres palhaças e a busca de uma comicidade feminista”, de Maria do Nascimento; “Mulheres palhaças: comicidade, gênero e política com o grupo ‘As Marias da Graça’”, de Renata Saavedra; e “A atuação de mulheres como palhaças: resistência e subversão”, de minha autoria (Brum, 2018, p. 38-39). Além das publicações a que fiz referência, somam-se artigos, relatos de experiências e entrevistas em diversas outras revistas e anais de eventos, como os textos intitulados “A mulher na palhaçaria”, de Jennifer Jacomini, e “Palhaçaria feminina: trajetória de investigação e construção dramaturgica de três espetáculos dirigidos por Karla Conká”, de Ana Borges e Karla Conká, ambos disponíveis nos anais do *13º Mundos de Mulheres & Fazendo Gênero 11*⁴⁶. Na literatura nacional sobre o tema, há o livro *O elogio da bobagem: palhaços no Brasil e no mundo* (2005), cuja autora, Alice Viveiros de Castro, tece algumas reflexões sobre a atuação de mulheres como palhaças em contextos históricos e contemporâneos, embora esse não seja o foco do livro. Na esteira disso, encontrei as pesquisas de Erminia Silva: *As múltiplas linguagens na teatralidade circense. Benjamim de Oliveira e o circo-teatro no final do século XIX e início do XX*, tese de doutorado defendida em Campinas, SP, em 2003, pelo Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); e *O circo, sua arte e seus saberes: o circo no Brasil do final do século XIX a meados do XX*, dissertação defendida em 1996, também na UNICAMP. Menciono, além disso, algumas publicações de Verônica Tamaoki: *O fantasma do circo* (2000), *Centro de memória do circo* (2017) e *Circo Nerino* (2004). Há, ainda, o livro *Mulher, Mito, Riso e Cena* (2020), organizado por Joice Aglae Brondani, que reúne artigos de pesquisadoras e artistas com ênfase nas poéticas cômicas de mulheres (Brum, 2021, p. 38-39).

Em 2021, Adriana Patrícia dos Santos, também conhecida como a palhaça Curalina, publicou o livro *Dos guetos que habito: negritudes em procedimentos poéticos cênicos*, pela editora Hucitec, de São Paulo. Em 2022, as pesquisadoras Ana Elvira Wuo e Daiani Cezimbra Severo Rossini Brum organizaram o livro *Palhaças na Universidade* (Wuo; Brum, 2022), publicado pela EDUFMS (2021 em e-book e 2022 impresso), que reúne 15 artigos de 18 autoras de todas as regiões do país e de um autor estrangeiro (Canadá). Em 2023, foi submetido o Volume II do livro junto à mesma editora.

Karla Conká, a Palhaça Indiana, atua desde 1991 com palhaçaria e é uma das principais referências formativas e artísticas na atuação de mulheres na área.

⁴⁶ Disponível em: <<http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/site/anaiscomplementares>>. Acesso em: 01 abr. 2021.



Concedendo-nos uma entrevista, ela nos orienta:

Uma orientação que eu dou é estudar essa nossa história, que é muito recente. Tem muito material já saindo, tem muitas mulheres fazendo coisas pelas mulheres. É um caminho muito novo mesmo. [...] até os homens estão tendo que se rever, porque tem espaços que não aceitam mais espetáculos de homens que são muito machistas. Isso está acontecendo atualmente (Brum, 2018, p. 467).

Considerações

O levantamento dos dados disponibilizados acima sobre a produção bibliográfica de mulheres palhaças, sobretudo voltados às discussões que envolvem gênero, demonstra que é crescente a produção de conteúdo acadêmico a respeito do campo de estudos das mulheres palhaças, área em forte processo de expansão a partir do final da década de 1990, no Brasil. É notável, ainda, a avassaladora desigualdade à qual o Brasil encontra-se amordaçado, desde os primórdios da colonização escravocrata, anti-indigenista e patriarcal, até os dias atuais, marcados pela violência, pela discriminação racial, pela exaltação do machismo, pela agressão contra mulheres e pessoas LGBTQIA+, pelo fanatismo religioso, pelo armamento da população, pela fome, pela miséria, pelo medo. Vivenciamos cotidianamente o “mito da não violência” (Chauí, 2021) em um país estruturado com base nas múltiplas e cotidianas violências e desigualdades.

Esses dados contrastam com perspectivas universalistas e objetivistas que, ao invés de simplificar, acabam por cooptar os trabalhos, as pesquisas e as atuações de grupos específicos, como no caso das mulheres palhaças, para campos de pesquisa seculares, onde jamais fomos protagonistas e onde, em muitos períodos históricos, fomos proibidas de atuar (Monteah, 2014). Em desacordo com nossos objetivos de pesquisa e de desenvolvimento de um emergente campo de pesquisa em Artes Cênicas, o emprego da expressão “a arte do palhaço”, quando utilizada para denominar práticas e ações de palhaças e palhaces em contextos científicos, ignora uma história de invisibilidade e de lutas feministas por espaço, por protagonismo e por representatividade em diferentes âmbitos da sociedade, inclusive o da atuação palhacesca e o das práticas



circenses e teatrais. Além disso, a expressão apaga da história, mais uma vez, uma modalidade de atuação existente, generalizando uma prática específica e, assim, suprimindo o avanço das discussões ali propiciadas.

O campo de atuação de mulheres como palhaças é específico e delineado por características comuns a esse grupo de pessoas, tais como: a organização em redes de mulheres; a organização a partir de festivais e de encontros específicos de palhaças; as dramaturgias voltadas para questões de mulheres e experiências pessoais; a criação de discursos e de ações que potencializam e diversificam a legibilidade sobre as mulheres palhaças e suas múltiplas possibilidades de existência; a criação de pesquisas e conteúdos bibliográficos sobre a atuação de mulheres como palhaças; a criação e a participação em espaços formativos específicos para palhaças.

Diante dessas características, nascidas da necessidade e da prática de palhaças brasileiras, compreendo que a expressão “a arte do palhaço” torna-se inadequada para denominar o campo de estudos acerca da atuação das mulheres palhaças em contextos artísticos, formativos e de pesquisa. Palhaços como Charlie Chaplin, Arrelia, Carequinha, Charlie Rivel, Oleg Popov, Slava, Oscarito e Grande Otelo, entre outros do cinema, da televisão, do teatro e do circo, figurarão eternamente em nossas memórias, enchendo nossos corações de alegria e inquietando nossas mentes a cada vez que voltamos a assisti-los; todavia, compreendemos a enorme diferença e o abismo temporal entre o trabalho realizado por esses artistas e palhaços, e a comicidade das palhaças contemporâneas Indiana, Mafalda Mafalda, Vera Abbud, Lily Cúrcio, Gardhi Hutter, Ferrugem, Curalina, Generosa, entre outras, e palhaces como Augustine, Matusquela, Deixavim, entre outros do teatro, dos hospitais do circo contemporâneo, das periferias, das ações sociais, que visibilizam, enaltecem e diversificam a potência da/e palhaça/e. Palhaça/e que, além de humana/e, está sujeita/e a demarcadores sociais de gênero, etnia, classe e sexualidade. Esperamos, com este artigo, antes de buscar definições estáticas, somarmo-nos aos movimentos de questionamento, de discussão e de compreensão do fenômeno da atuação de palhaças e de palhaces, do qual somos órgão pulsante.

A necessidade de viver como pessoa e não como objeto a serviço da cultura



dominante – processo que, com base no pensamento de Marilena Chauí (2021), pode ser lido como oposto à sujeição à violência – é urgente para mulheres e pessoas LGTBTTQIA+, sobretudo em uma sociedade destacada por dados atrozos no tocante à desigualdade de gênero. Na área da atuação palhacesca ou em qualquer contexto da sociedade, são necessários a visibilidade e o registro da existência, das ações e das pesquisas de mulheres e de pessoas LGTBTTQIA+. Para que o afastamento das pessoas para as “bordas”, investigadas na década de 1980 por Chauí, seja, por fim, rompido, necessitamos rever as práticas que privilegiam determinados tipos de existência, sejam elas realizadas na linguagem, na escrita, nas pesquisas e/ou nas ações do dia a dia.

Referências

ALMEIDA, Raquel Franco. *A rua é o picadeiro e o céu é a lona: a criação de uma palhaça brincante*. 2013. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

BARBOSA, Ana Carolina Carvalho Torres (Ana Carolina Sawen). *Caminhos para uma palhaça: investigação a partir da obra de Avner, the eccentric*. 2011. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

BOND, Letícia. Brasil concentrou 40% dos feminicídios da América Latina em 2017. *Agência Brasil*, Brasília, p. 1-3, nov. 2018. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2018-11/brasil-concentrou-40-dos-feminicidios-na-america-latina-em-2017>>. Acesso em: 12 mar. 2022.

BORGES, Ana; CORDEIRO, Karla. A neutralização da mulher na dramaturgia da palhaçaria clássica no Brasil. In: WUO, Ana Elvira; BRUM, Daiani Cezimbra Severo Rossini (Orgs.). *Palhaças na Universidade: pesquisas sobre a palhaçaria feita por mulheres e as práticas feministas em âmbitos acadêmicos, artísticos e sociais*. Santa Maria: EDUFMS, 2022.

BRONDANI, Joice Aglae. *Clown, absurdo e encenação: processos de montagem dos espetáculos “Godo”, “Trattoria” e “Joguete”*. 2006. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

BRUM, Daiani Cezimbra Severo Rossini. *A atuação de palhaças e de palhaços: o hospital como palco de encontros*. 2017. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.



BRUM, Daiani Cezimbra Severo Rossini. A palhaçaria de mulheres no Brasil contemporâneo: breve registro de ações artísticas, formativas e de pesquisa. In: WUO, Ana Elvira; BRUM, Daiani Cezimbra Severo Rossini (Orgs.). *Palhaças na Universidade: pesquisas sobre a palhaçaria feita por mulheres e as práticas feministas em âmbitos acadêmicos, artísticos e sociais*. Santa Maria: EDUFMS, 2022, p. 113-134.

BRUM, Daiani Cezimbra Severo Rossini. Mulheres palhaças e a política uterina de expansão: entrevista com Karla Concá. *Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas*, Florianópolis, v. 3, n. 33, p. 455-468, 2018. Acesso em: 12 jan. 2023. DOI: 10.5965/1414573103332018455.

BRUM, Daiani Cezimbra Severo Rossini. *Reflexões feministas sobre a palhaçaria com ênfase no contexto hospitalar*. 2021. Tese (Doutorado em Teatro) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

BURGHI, Danielle. *Cristiane Paoli Quito, formadora de palhaços*. 2017. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2018.

CAMINHA, Melissa Lima. *Payasas: historias, cuerpos y formas de representar la comicidad desde una perspectiva de género*. 2015. Tese (Doutorado em Artes e Educação) – Universidade de Barcelona, Barcelona, 2015.

CARDOSO, Manuela Castelo Branco de Oliveira. *Nedda, Colombina, Matusquella e Zerpina: ensaios sobre palhaçaria e ópera*. 2018. Dissertação (Mestrado em Arte) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

CASTRO, Alice Viveiros de. *O elogio da bobagem: palhaços no Brasil e no mundo*. Rio de Janeiro: Família Bastos, 2005.

CHAUÍ, Marilena. *Sobre a Violência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

CORDEIRO, Karla; BORGES, Ana Cristina. Palhaçaria feminina: Trajetória de investigação e construção dramaturgic de espetáculos dirigidos por Karla Concá. In: XIII SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 2017. *Anais Eletrônicos*, Florianópolis, 2017, p. 1-12. Disponível em: <http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1503793078_ARQUIVO_7688911.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2020.

FERNANDES, Fernanda Moreto. 2012. *Levando a sério a palhaçada: um estudo da natureza ambivalente do riso*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

FLORES, Andréa Bentes. *Palhaçaria feminina na Amazônia brasileira: uma cartografia de subversões poéticas e cômicas*. 2014. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.



FLÓREZ, Laili Von Czékus. *A alegria de ser quem é: uma formação palhaça de professores para a diversidade*. 2020. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

FUCHS, Ana Carolina Müller. *O Sorriso da Palhaça: pedagogias do riso e do risível*. 2020. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Estatísticas de Gênero: Indicadores sociais das mulheres no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero/20163-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html>>. Acesso em: 20 mar. 2023.

INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. *Dossiê Violência Contra as Mulheres*. IPG: Rio de Janeiro, mar. 2018. Disponível em: <<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/>>. Acesso em: 12 mar. 2022.

IRVING, Margaret. J. *Toward a Female Clown Practice: Transgression, Archetype and Myth*. 2013. Tese – University of Plymouth, 2013.

JESUS, Jennifer Jacomini de. *Palhaçaria humanitária: uma perspectiva decolonial sobre a experiência da ONG Palhaços Sem Fronteiras*. 2020. Tese (Doutorado em Teatro) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Florianópolis, 2020.

JESUS, Jennifer Jacomini de. *Presente da palhaçaria: análise de unipersonais brasileiros*. 2016. Dissertação (Mestrado em Teatro) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

JUNQUEIRA, Mariana Rabelo. *Da graça ao riso: contribuições de uma palhaça sobre a palhaçaria feminina*. 2012. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

KASPER, Katia Maria. *Experimentações clownescas: os palhaços e a criação de possibilidades de vida*. 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

LAMMERHIRT, Laura. *Lesbocídio no Brasil: a morte de mulheres lésbicas no Brasil*. *Politize!*, 14 maio 2018. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/lesbocidio-no-brasil/>>. Acesso em: 09 abr. 2022.

LIMA, Alana Clemente. *Tem palhaça na rua-rio? Tem sinsinhô! Vivências de palhaçaria e educação popular no Porto do Sal*. 2019. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

MELO, Priscila Romana Moraes de. *Embutidos gastronômicos de estrelita e uisquisito: memorial e poética cênica de uma palhaçaria agridoce*. 2016. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.



- MONTEAH, Sara. *Mulheres Palhaças: percursos históricos da palhaçaria feminina no Brasil*. Dissertação, 2014. (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2014.
- NASCIMENTO, Andressa Passos do. *“E eu não sou palhaça?! dramavivências de palhaças das regiões Norte e Nordeste do Brasil”*. 2021. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2021.
- NASCIMENTO, Elaine Cristina Maia. *Comicidade feminina: as possibilidades de construção do cômico no trabalho de mulheres palhaças*. 2014. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.
- NASCIMENTO, Maria Silvia do. *Olha a palhaça no meio da praça: Lily Curcio, Lilian Moraes, questões de gênero, comicidade e muito mais!* 2017. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2017.
- NUNES, Lúcia de Fátima Royes. *Repertório de clown na educação: elementos de uma pedagogia da palhaça na formação de professores*. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.
- ORMACHEA, Cassandra Batista Peixoto. *De palhaça e velhos: vozes dramáticas no contexto asilar*. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.
- PIMENTA, Daniele. *A dramaturgia circense: conformação, persistência e transformações*. 2009. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.
- PLUSCHKAT, Patrícia. *Como soltar a franga sem deixar a peteca cair: experimentos da Dra. Catavento e o processo de seleção de palhaços no especialistas da alegria*. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021.
- POLIDORO, Stefanie Liz. *Eu - ternurinha: o processo criativo e curativo da atriz-personagem a partir de seus excessos e vivências nas ruas, e o ativismo político e feminista que compõe suas teatropalestras*. 2020. Tese (Doutorado em Teatro) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.
- RÉMY, Tristan. *Entradas clownescas: uma dramaturgia do clown*. Trad. Caco Mattos. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2016.
- SANTOS, Adriana Patrícia dos. *Dos guetos que habito: negritudes em procedimentos poéticos cênicos*. 2017. Tese (Doutorado em Teatro) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.
- SANTOS, Adriana Patrícia dos. *Dos guetos que habito: negritudes em procedimentos poéticos cênicos*. São Paulo: Hucitec, 2021.



SANTOS, Sarah Monteath dos. *Mulheres Palhaças: Percurso Histórico da Palhaçaria Feminina no Brasil*. 2014. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2014.

SANTOS NETO, João Tomaz dos. *Palhaçaria diversa: a presença de dissidentes (LGBTQIAP+) na palhaçaria brasileira*. 2022. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Erechim, 2022.

SILVA, Amanda Dias Leite Ferreira da. *Aspectos do processo de abertura à participação feminina na palhaçaria brasileira: especificidades da produção carioca nas décadas 1980 e 1990*. 2015. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

SILVA, Michelle Silveira da (Org.). *Somos todas palhaças!* Chapecó: Humana, 2022.

VAZ, Ana Cristina. *A palhaça bailarina: uma investigação para a comicidade física*. 2014. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

WUO, Ana Elvira; BRUM, Daiani Cezimbra Severo Rossini (Orgs.). *Palhaças na Universidade: pesquisas sobre a palhaçaria feita por mulheres e as práticas feministas em âmbitos acadêmicos, artísticos e sociais*. Santa Maria: EDUFMS, 2022.

Recebido em: 30/01/2023

Aprovado em: 17/04/2023